

EM DEFESA DA VIDA

*Dom Dadeus Grings**

Resumo

Muito já se discorreu sobre o mistério da morte: pensadores, ateus, agnósticos, religiosos, teólogos, espiritualistas, crentes das mais diversas formas de religiosidade. Tempo perdido? Talvez. O certo é que devemos gastar tempo sobre o mistério da vida, sobretudo a vida racional nos seres humanos. Na vida há um mistério, um princípio vital que lhe dá característica e dinamismo. Assim, o básico e fundamental é a responsabilidade solidária para com a vida, do embrião até ao seu entardecer; e por isso a defendemos.

Palavras-chave: Vida humana; fragilidade; responsabilidade solidária.

Abstract

About the mystery of the death thinkers of different areas have written. In part our life, since the conception until the death, is involved by mysteries. On account of religious reasons the human life must be defended.

Key words: human life; fragility; solidarity.

1 A composição da vida

A inteligência humana abriu enormes horizontes de estudo e aprofundamento. Sendo corporais, vivemos no espaço e no tempo. Mas com nossa capacidade de conhecer e amar transcendemos a ambos, abeirando-nos do infinito. Somos, na realidade,

* Arcebispo Metropolitano de Porto Alegre e Chanceler da PUCRS.

como se víssemos o Invisível. Avançamos, de um lado, para o “infinitamente grande”, abrindo o espaço para dimensões potencialmente infinitas; e, de outro lado, penetramos o “infinitamente pequeno”, adentrando a composição da matéria até às suas mais minúsculas partículas, feitas de quase nada. Além disso, temos o condão de desvendar o que poderíamos denominar de “infinitamente complexo”, vasculhando os segredos da vida.

Detenhamos-nos, hoje, nessa realidade complexa, que retrata o mistério da vida. Sabemos que ela se manifesta em três graus, que conhecemos como vegetativa, nas plantas, sensitiva, nos animais, e racional nos homens. Não nos assalta nenhuma dúvida quanto à sua materialidade. A vida se realiza na e pela matéria. E logo entendemos que constitui organismos formados por moléculas, átomos e partículas. Mas logo nos damos conta de que ela não é só matéria. Em outras palavras, as propriedades dos átomos e das moléculas não explicam nem traduzem toda a sua complexidade. Há, na vida, um mistério, que podemos chamar, de modo vago, de princípio vital. É o que lhe dá a característica e o dinamismo. E logo entendemos e verificamos um tríplice princípio: vegetativo um, com as propriedades específicas desse grau; sensitivo outro, que proporciona a capacidade de agir no segundo grau, e racional o terceiro, do qual flui a capacidade de conhecer e amar e, conseqüentemente, de transcender tanto a matéria, situada no espaço e no tempo, como as propriedades vitais, quer vegetativas, quer sensitivas. O espaço se nos abre ao infinito e o tempo vai até à eternidade.

2 Nossa capacidade intelectual

Nós distinguimos acuradamente entre o ser real e o ser pensado; entre o ser existente e o ser querido e amado. Ou, analisando mais profundamente, damo-nos conta de que o ser não é exatamente aquilo que pensamos dele, nem é precisamente o que gostaríamos que fosse. Por isso há muitos enganos e se faz um

apelo para um conhecimento mais autêntico e para um amor mais objetivo.

Sócrates colheu do Templo de Apolo, em Delfos, a inscrição de seu frontispício: “Conhece-te a ti mesmo”. Devemos reconhecer que a idéia, que fazemos de nós mesmos, bem como a idéia que fazemos do ser humano, em geral, e de cada pessoa, em particular, nem sempre, para não dizer raramente, corresponde à realidade. Daí o problema da auto-estima e de todo tratamento, tanto médico como psicológico, para melhorar de vida.

Não há dúvida de que somos compostos de matéria. Estamos, pois, sujeitos às suas leis, situados no espaço e no tempo. Mas também é certo que não somos apenas matéria. O princípio vital, que nos anima e torna vivos, sensitivos e racionais, que nos dá a capacidade de conhecer e amar, é de índole espiritual. Como pelos frutos se conhece a árvore, por nossa atividade cognitiva e amorosa, que transcende as leis da matéria, do espaço e do tempo, descobrimo-nos espirituais. Conseqüentemente, somos, sob esse aspecto, imunes à corrupção. Falamos, em sede filosófica, de alma humana, que se denomina espírito humano.

Sabemos que não se trata de um espírito puro, como cremos existirem os anjos, mas de espírito encarnado, revestido de carne e osso. E é precisamente esse espírito que nos molda e que se exprime através de seu corpo. Em outras palavras, vendo uma pessoa humana, não vemos apenas pele, ou um organismo, mas penetramos no seu íntimo, onde se situa seu eu. Chegamos à sua subjetividade, onde a descobrimos conhecedora e amante. Ali nos liga algo mais profundo que uma pura exterioridade, ou dois corpos que confinam. Sentimos uma empatia que nos revela nossa intersubjetividade: eu nele e ele em mim. Falamos então de convivência. Descubro-me a mim nele e a ele em mim. Em outras palavras, não o tenho diante mim como um puro objeto, que se poderia eventualmente manipular, mas como um eu, tão real como eu sou eu. Chego assim à certeza de ver o Invisível nele e

em mim. Descubro vida humana. Ele tem um nome próprio, pelo qual o conheço e chamo.

3 O organismo humano

Numa ilustrada palestra sobre a pastoral da saúde, um médico de grande renome deu seu testemunho, dizendo que o ser humano é belo por dentro. Referia-se aos órgãos internos, admiravelmente dispostos, com arte e perfeição, e, ao mesmo tempo, funcionando em maravilhosa sincronia. Se, porém, esse médico quisesse penetrar nesse organismo vivo com seus aparelhos sofisticados, para extrair do cérebro uma idéia genial, ou do coração uma pitada de amor, certamente ficaria decepcionado e frustrado. Seu aparelho não se molda a penetrar nos segredos da consciência humana. É preciso transcender a matéria e dar um salto de qualidade, que nos faça ver o Invisível, tão senão mais real que o visível. De fato, o visível só é percebido e entendido, através dessa capacidade invisível.

No fundo de mim, descubro meu eu. E, tendo consciência de mim, posso alargar minha subjetividade e falar do “meu”. Quem diz “eu” pode também dizer “meu”. Mas assim como vivo no mundo e me aposso de uma série de bens, que considero propriedade minha, como que extensão de meu corpo, também percebo que minha vida é devedora a muitas contribuições de outros, iguais a mim. Convivo. Sinto que não me posso isolar. A individualidade é uma abstração. Põe-se fora de contexto da vida. Há outros que fazem parte de minha vida e eu faço parte da vida deles. Eu vivo neles e eles em mim. Convivemos. Eles são a extensão de meu eu e eu sou a extensão do eu deles, a ponto de falarmos em nós, na primeira pessoa do plural. Minha realização depende deles, e a realização deles depende de mim. Se faltarem, soffro.

4 O início da vida

O ser humano é entre os seres vivos dos mais frágeis. Necessita de amparo por muitos anos, até poder auto-sustentar-se. Há uma necessidade de cuidar das crianças, tanto física como psicologicamente. Somos mais filhos da cultura que da natureza. E a criança, por natureza, necessita de carinho e proteção. Para isso ela nasce e é confiada a uma família, tendo como garantia de vida um pai e uma mãe. O que ambos representam é, em parte, determinado pela natureza, que estabelece o modo de fecundação, gestação e nascimento. Mas como depois os pais exercerem seu papel social depende, em grande parte, da cultura.

Houve sociedades em que o pai de família tinha o direito de vida e morte sobre seus filhos. Sendo seus, dispunha deles à vontade. O Cristianismo opôs-se ferrenhamente ao infanticídio, ao defender a dignidade da pessoa humana, como fim em si mesma. Para os menores de idade, estabelece-se um tutor, que, por natureza, são os pais. Cabe-lhes proteger, sustentar e desenvolver a vida, que lhes é confiada. Jamais destruí-la ou menosprezá-la. Exige-se dos pais que estejam dispostos a receber, com amor, os filhos, que lhes forem confiados pela natureza e educá-los no amor.

Até épocas bastante recentes, o lugar mais seguro para o desenvolvimento da vida incipiente era o útero materno. Ali ela estava ao abrigo das intempéries e ao amparo de um extremo cuidado da natureza, até que estivesse apta a enfrentar os desafios do mundo.

Todos entendiam e ainda entendem que essa vida humana começa no momento da sua concepção. E essa se liga de imediato à fecundação. É então que começa sua trajetória, inicialmente, bem rudimentar e quase imperceptível, até à formação completa de sua personalidade, ao longo dos anos.

Esse ambiente tão seguro e carinhoso tornou-se, devido ao avanço da medicina, o mais vulnerável e o mais exposto às in-

tervenções da sociedade. É hoje o lugar onde se destrói mais vida. É por isso que a bioética levanta sua voz pelo respeito à vida humana em qualquer fase de sua evolução.

Podemos distinguir muitas espécies de aborto e discutir o exato momento da “hominização” do feto. Podemos alegar mil motivos para justificar a intervenção no útero materno, para eliminar ali o feto. A verdadeira razão, porém, é que, no fundo, nossa concepção de vida humana se reduziu à matéria ou à organização de algumas moléculas. Nesse momento intervém a bioética. Não é propriamente uma questão religiosa, mesmo que a religião dê mais um argumento para defender a vida, como sagrada e como dom de Deus. A questão é humana. Vemos ali vida humana, ainda que em embrião. É vida em formação. Quem se arrogará o direito de eliminá-la impunemente? Se nem nos é permitido destruir a própria vida, pelo suicídio, porque ela nos foi entregue para desenvolvê-la em solidariedade, muito menos será permitido matar uma vida alheia que nos foi confiada para cuidar, mesmo que fosse seu protagonista na fecundação. No momento em que ela inicia sua trajetória própria, não nos cabe mais decidir sobre seu destino.

O aborto é particularmente abominável, não só porque atinge uma vida inocente, mas porque se atreve a agredir uma vida que ainda está oculta. Só porque não se vê! Precisamos abrir os olhos e ver o invisível, não só do feto ou do embrião escondido, mas da vida que nele se alberga. Vale por isso a famosa frase de Mahatma Gandhi: “Se nos matarem, viveremos para sempre. Mas se formos nós a matar, não viveremos jamais”!

5 A responsabilidade solidária

O triste é que, quando e onde nos tornamos aptos para assumir o controle sobre o desenvolvimento da vida, nós a estejamos pondo em perigo. A ecologia apela para a responsabilidade social em todos os campos, mas especialmente no campo da re-

produção humana. É verdade que tivemos uma benéfica interferência na saúde, debelando muitas pestes e doenças, prolongando a esperança da vida e reduzindo drasticamente o sofrimento. Morre menos gente, porque se conseguiu melhor qualidade de vida.

Caindo as mortes, seria forçoso controlar também os nascimentos. Malthus percebeu, por primeiro, o problema da explosão demográfica. Seria necessário refazer o equilíbrio ecológico, restabelecendo a proporção entre os nascimentos e as mortes. Ninguém, certamente, tentaria resolver essa equação com a exterminação sistemática dos vivos. No momento em que começa a vida, surge uma responsabilidade solidária para com ela.

Não é possível eticamente coadunar a irresponsabilidade na fecundação e conseqüente concepção de uma vida com outra ainda pior, de querer remediar as conseqüências pela eliminação da vida. No momento em que temos possibilidades de destruir a vida intra-uterina, sem maiores riscos, mostramo-nos tão insensíveis à sua existência como se se tratasse apenas de um amontoado de células, que eventualmente ali estejam estorvando, ou que sejam candidatas a uma presença humana indesejada, quando virem à luz.

Nosso problema básico é a responsabilidade solidária para com a vida embrionária. Nós vemos ali a invisível. É vida humana. E por isso a defendemos por uma questão de solidariedade. Essa vida nos diz respeito e nos apela, porque é humana. Nela e por ela se revela o grau de nossa solidariedade: não acolhê-la envolve uma atitude de menosprezo pela própria vida humana, que se desenvolve em nós mesmos e nos outros. Nela, todos nós, ou nos construímos solidariamente, ou nos destruimos.